

## ANÁLISE TEXTUAL-DISCURSIVA DE EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS NO ÂMBITO DA LIBRAS

José Arnor de Lima Júnior<sup>1</sup>

Indira Simionatto Stedile Assis Moura<sup>2</sup>

Juliana Alves da Fonseca<sup>3</sup>

Francisco José dos Santos Neto<sup>4</sup>

Cristiane Araújo de Britto<sup>5</sup>

### RESUMO

O léxico complexo e multifacetado da Libras contrasta com a seguinte vicissitude a ser considerada por parte da comunidade surda: a necessidade da produção e do registro de sinais, os quais venham, futuramente, dar conta dos inúmeros referentes da realidade circundante. Nesse sentido, não raras vezes, os surdos recorrem a estratégias imprescindíveis à comunicação, fazendo uso de sinais já consolidados em outras línguas visuais e adaptando vocábulos de outras partes do país. Considerando essa conjuntura observada, esta investigação se propõe a analisar uma categoria particular, qual seja, a dos empréstimos linguísticos. Para tanto, ancora-se numa metodologia qualitativa de base interpretativista. Em síntese, serão analisados sinais de diferentes regiões brasileiras, bem como sua implementação em novos cenários. O corpus é composto dos sinais BACHARELADO, DIÁRIO OFICIAL, RIO GRANDE DO NORTE, SANTA CATARINA e DISTRITO FEDERAL. Como fundamentação teórica, recorre-se aos pressupostos do Círculo de Bakhtin e às discussões contemporâneas dos Estudos Surdos — tal problematização se dá a partir do arcabouço epistemológico da Linguística Aplicada. O estudo empreendido aponta para uma adequação vocabular com foco na construção de sentido. Na busca por retratar determinados objetos do mundo, os enunciadores apelam para um ajuste morfológico, sintático e, sobretudo, semântico, levando em conta as especificidades contextuais dos lugares.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação e Professor de Libras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, [josearnor.lima@ufpe.br](mailto:josearnor.lima@ufpe.br);

<sup>2</sup> Doutoranda em Linguística e Professora de Libras da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, [indirastedile@gmail.com](mailto:indirastedile@gmail.com)

<sup>3</sup> Especialista em Libras e Professora de Libras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, [profa.julianalves@gmail.com](mailto:profa.julianalves@gmail.com);

<sup>4</sup> Especialista em Libras e Professor de Libras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, [fcojosenatal@gmail.com](mailto:fcojosenatal@gmail.com);

<sup>5</sup> Especialista em Educação Bilíngue para Surdos e Estudante em Letras Libras/Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN; [magakika@gmail.com](mailto:magakika@gmail.com);

**Palavras-chave:** Léxico, Empréstimo Linguístico, Adaptação Cultural, Vocabular, Estudos Surdos.

## INTRODUÇÃO

O léxico complexo e multifacetado da Língua Brasileira de Sinais (Libras) contrasta com a seguinte vicissitude a ser considerada por parte da comunidade surda: a necessidade da produção e do registro de sinais, os quais venham, futuramente, dar conta dos inúmeros referentes da realidade circundante. Nesse sentido, não raras vezes, os surdos recorrem a estratégias imprescindíveis à comunicação, fazendo uso de sinais já consolidados em outras línguas visuais e adaptando vocábulos de outras partes do país.

Semelhante a outras línguas, a Libras passa por fenômenos linguísticos resultantes do contato com outros idiomas, o que leva à ocorrência de empréstimos linguísticos (QUADROS, 2019). Os estrangeirismos são termos provenientes de outras línguas que, ao serem introduzidos na língua-alvo, não sofrem alterações gráficas e mantêm seu caráter original (CARVALHO, 1989). Nesse sentido, palavras como *on-line* na língua portuguesa, que, apesar de serem originárias do inglês, são usadas sem modificações. Esse conceito aplica-se aos termos adquiridos de outras línguas que permanecem alheios à língua que os adota.

No âmbito de Libras, os empréstimos linguísticos da língua portuguesa são bastante comuns e possuem características próprias. Inicialmente, o elemento estrangeiro é percebido como algo externo ao vernáculo da língua-alvo, sendo assim denominado estrangeirismo. Com o tempo e o uso frequente, esses termos podem ser incorporados e adaptados ao novo sistema linguístico. Um termo estrangeiro deixa de ser considerado como tal quando não é mais percebido como estrangeiro. No entanto, se mantiver sua forma original, continuará a ser visto como estranho ao sistema linguístico, especialmente em relação à sua forma escrita.

Isso posto, tal construção linguística e discursiva frequentemente envolve a adaptação de termos portugueses para sinais que podem ou não manter uma conexão visual ou fonética com a palavra original. Naturalmente, em virtude de esse relação se constituir também em meio à luta por poder e dominação, por vezes, os surdos rechaçam a utilização do vernáculo da língua portuguesa. Apesar disso, esse processo é essencial para a abranger novos conceitos e termos que surgem, especialmente em áreas técnicas e acadêmicas, onde a criação de sinais específicos é necessária. Ao estudar esses empréstimos, observa-se como a comunidade surda adapta e incorpora novos lexemas, refletindo a dinâmica e a evolução da própria língua. Este artigo busca

**explorar esses fenômenos, analisando como os termos são integrados e como essa integração impacta a comunicação e a compreensão dentro da comunidade surda.**

## **LÉXICO E PERTENCIMENTO**

De acordo com a perspectiva defendida por alguns estudiosos, a identidade do surdo é construída através da experiência visual, diferentemente dos ouvintes, cuja percepção do mundo é acústica/sonora. Essa diferença é essencial para entender as características únicas desse grupo social. Segundo pensadores da pós-modernidade (SILVA, 2014; HALL, 2006), é na diferença que o sujeito pode ser percebido. Cada pessoa é constantemente influenciada pelos valores ao seu redor, e seu Eu emerge do confronto entre diversas formas de ser e agir. Os surdos, por exemplo, ao adquirirem conhecimento, rirem e conversarem de modo visual-espacial, desenvolvem uma identidade ontológica distinta da cultura dominante. Isso resulta em diferentes relações de pertencimento, mesmo que não possam se afastar completamente dos padrões sociais impostos.

Nesse confronto, a pessoa surda desenvolve afinidade ou aversão às comunidades ao redor. A aceitação ou rejeição do discurso médico patologizante depende do histórico familiar, das tentativas anteriores de homogeneização e do cenário ideológico em que o indivíduo está inserido. Nas lutas pelo poder, a adesão a certas ideias pode ser vista como uma forma de resistência. Quando sua existência cultural é questionada, a união desses indivíduos e daqueles que apoiam o movimento social busca formar uma frente oposta a essas formas de dominação.

Nesse contexto, o corpo da pessoa surda torna-se alvo de controle, como é visto na oralização forçada, nas sessões com o fonoaudiólogo e nas penalidades por não se adequar à "normalidade". Durante a fase de aquisição linguística, expostos a uma concepção social predefinida, não conseguem compreender a ideia de pertencimento e são moldados por ela. A exigência de cumprir papéis sociais esperados se intensifica. A intervenção punitiva passa a focar no corpo e nos comportamentos cotidianos, influenciando também a alma, na medida em que esta é sede de hábitos.

Às vezes, a marcação da diferença pode refletir uma rejeição ao discurso ouvintista. Nesse sentido, o termo "fronteiras" pode representar tanto um distanciamento quanto uma aproximação entre comunidades. Isso ocorre porque o indivíduo é ambíguo e sua história de vida é marcada por contradições. As exigências para que a pessoa surda se encaixe no protótipo

de sujeito dócil e fragilizado não correspondem à realidade e não refletem a diversidade de identidades em que se moldam.

Diante dessa hegemonia latente, os artefatos culturais da comunidade surda representam uma afirmação e a congregação de valores comuns entre os membros (STROBEL, 2008). Com uma experiência única, os surdos registram poesia, manifestam-se politicamente, reúnem-se na vida social da cidade e praticam esportes. Um desses artefatos, particularmente valioso, é a língua de sinais, Libras, no caso dos surdos brasileiros. Entre os elementos essenciais à tradição desse povo, a capacidade de produzir sinais inteligíveis e mobilizá-los com determinados fins é um recurso inestimável. Através da Libras, definem pautas e articulações, orientando-se em direção ao que lhes convém. A valorização desse objeto cultural é um tema comum e recorrente nos Estudos Surdos, sendo motivo de orgulho para a comunidade.

A criação de um sinal – e sua mudança ao longo do tempo, seja natural ou proposital – reflete concepções de mundo. Não há enunciado neutro, pois a palavra é carregada de sentido e posicionamento valorativo, dependendo de como é entoada.

## **ASPECTOS METODOLÓGICOS**

A metodologia utilizada neste trabalho é de natureza qualitativa, alinhada ao paradigma interpretativista. Tal circunscrição teórico-metodológica é particularmente adequada para estudos que buscam compreender fenômenos sociais e culturais a partir da subjetividade – em geral não desprezado dentro das humanidades – inerente ao processo analítico. Nesse contexto, realizou-se um estudo aprofundado sobre sinais específicos da Libras, os quais foram considerados relevantes, com base em reuniões com os pares da comunidade surda.

Para a coleta de dados, foram realizadas gravações de sinais considerados pertinentes em encontros com membros da comunidade surda, mais especificamente, com professores e alunos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Essas reuniões proporcionaram um ambiente colaborativo e interativo, permitindo o registro de sinais que possuem relevância do ponto de vista tanto linguístico quanto identitário. Nesse âmbito, o glossário utilizado como referência foi formulado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e serviu como base para a condução deste e de outros estudos.

Dito isso, este trabalho volta-se à análise detalhada dos sinais correspondentes aos termos BACHARELADO, DIÁRIO OFICIAL, RIO GRANDE DO NORTE, SANTA CATARINA e DISTRITO FEDERAL. A escolha desses sinais foi motivada pela sua relevância no contexto acadêmico e na vida cotidiana dos surdos. Por meio da análise desses sinais, é

possível depreender como se dão os empréstimos linguísticos nas línguas de sinais. Para além disso, pode-se compreender as particularidades envolvidas na representação e interpretação de conceitos dentro da LIBRAS; por sua vez, isso contribui para a ampliação de materiais de suporte na esfera acadêmica e fomenta acessibilidade linguística para a comunidade surda.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com vistas a empreender a análise almejada, é preciso observar o *corpus* selecionado, composto de cinco sinais. De maneira a principiar a correlação entre léxico e construção de sentido, pode-se observar o vocábulo BACHARELADO, apresentado a seguir:

Figura 1 – sinal BACHARELADO



Fonte: acervo pessoal

Conforme se percebe, o sinal elegido realiza um empréstimo linguístico da consoante B da língua portuguesa. Ao mesmo tempo, a mão dominante realiza um movimento semelhante ao do vocábulo EXPLICAR, contudo, com posição levemente distinta, partindo do centro em direção à margem. Tal relação de sentido se pauta na ideia de que os cursos de bacharelado possuem uma carga fundamentalmente teórica – o contraponto, percebido em LICENCIATURA, é a mão dominante similar a ENSINAR. Dessa maneira, os cursos aludidos se centrariam mais na reflexão e problematização dos conteúdos previstos, com o fito de realizar a aplicação do currículo na prática.

Quanto ao segundo dos sinais elegidos, DIÁRIO OFICIAL, nota-se uma fonologia diferente, a qual pode ser vista a seguir:

Figura 2 – sinal DIÁRIO OFICIAL



Fonte: acervo pessoal

Na figura 2, a configuração de mão em “L”, posicionada rente ao nariz, sofre ligeira alteração. O movimento do indicador tem como propósito a representação do ponteiro do relógio. Dessa forma, pode-se criar uma metáfora de como as publicações no Diário Oficial da União (DOU) são periódicas, em vista das deliberações jurídicas e administrativas.

Por outro lado, alguns lexemas, como percebidos no sinal a seguir, carecem de quaisquer motivações de sentido intrínsecas, algo geralmente questionado por parte da comunidade surda:

Figura 3 – sinal RIO GRANDE DO NORTE



Fonte: acervo pessoal

O sinal de Rio Grande do Norte advém da sigla oficial do estado, qual seja, RN. Naturalmente, tal escolha não está centrada em critérios eminentemente visuais, ao que se nota, em consequência, uma predileção por parte dos membros das comunidades pela mudança. Igualmente, os sinais a seguir reforçam a ideia anteriormente apresentada:

Figura 4 – sinal SANTA CATARINA



Fonte: acervo pessoal

Figura 5 – sinal DISTRITO FEDERAL



Fonte: acervo pessoal

Como é visível na Figura 4 e na Figura 5, os empréstimos linguísticos têm por base a datilologia, isto é, o alfabeto manual. Embora esse uso seja recorrente em uma série de sinais largamente utilizados, simbolizam em parte as relações de poder e de dominação existentes no âmbito da língua majoritária ouvinte. Com o avanço da legislação, ao que se nota, o foco do movimento surdo tem passado da luta por reconhecimento da Libras à vontade de problematizar pautas e questões identitárias. Nesse contexto, a marcação dos sinais com fonemas os quais representem verdadeiramente o modo surdo de ser e agir no mundo tem se tornado prioridade nas discussões contemporâneas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final do trabalho, tendo realizado a análise linguística e discursiva, depreende-se que a LIBRAS constitui uma língua de resistência, uma vez que resistiu e continua a resistir à dominação do português. Tal resistência se manifestou contra décadas de imposição da ideologia ouvintista, enquanto, na contemporaneidade, enfrenta o predomínio da Língua Portuguesa em quase todos os espaços linguísticos no Brasil. Como qualquer língua de resistência, a Libras ressignifica a língua dominante, absorvendo-a e transformando-a em sentidos distintos daqueles experimentados pelas comunidades ouvintes. Esse processo é análogo ao de descolonização linguística, no qual a Libras reconfigura e redefine os significados impostos, refletindo a identidade e as experiências singulares da comunidade surda.

Apesar disso, um fato largamente disseminado é o de que surdos e ouvintes brasileiros compartilham traços culturais de sua nacionalidade comum, além de outras características específicas de cada grupo. Assim sendo, um aspecto fundamental a ser destacado é que, apesar de constituírem comunidades linguísticas distintas, estão em constante contato. Como uma consequência direta, é previsível a existência de uma influência recíproca entre as línguas. Libras e português, contudo, são línguas de modalidades diferentes, cujos sistemas linguísticos apresentam formas peculiares de apreensão da realidade. Dessa maneira, esse contato contínuo entre as duas línguas facilita o empréstimo linguístico, refletindo a interação cultural e linguística que se verifica entre surdos e ouvintes no Brasil.

Ao final, pode-se afirmar que a relação problematizada é complexa e multifacetada. Decerto, esse contato linguístico também se configura em meio à luta por poder e dominação. Não raras vezes, os surdos rejeitam a utilização do vernáculo da língua portuguesa como uma forma de resistência. Entretanto, esse processo de interação linguística é essencial para a incorporação de novos conceitos e termos, especialmente em áreas técnicas e acadêmicas onde

a criação de sinais específicos se faz necessária. Ao estudar esses empréstimos linguísticos, observa-se como a comunidade surda adapta e incorpora novos lexemas, refletindo a dinâmica e a evolução da própria língua.

Tendo empreendido uma observação linguística, social e histórica, esta investigação explorou o fenômeno dos empréstimos linguísticos na Libras, analisou como os termos são integrados e como essa integração impacta a comunicação e a compreensão dentro da comunidade surda. Ao fazer isso, lançamos luz sobre as complexas relações de poder e dominação que permeiam o contato entre Libras e português, revelando a resiliência e a adaptabilidade das línguas de sinais.

## **REFERÊNCIAS**

CARVALHO, N. M. **Empréstimos linguísticos**. São Paulo: Ática, 1989.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

QUADROS, R. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

SILVA, T. A produção social da identidade e da diferença. In HALL, S; SILVA, T; WOODWARD, K. (Org.), **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.